

DESENVOLVIMENTO DA COSMETOLOGIA PARA O CABELO AFRO

Francisca das Chagas Almeida Lima

Graduanda em Tecnologia em Estética e Cosmética,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Jéssica Carla da Silva Nascimento

Graduanda em Tecnologia em Estética e Cosmética,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Thalita dos Santos Bortoleto da Silva

Tecnóloga em Estética e Cosmética – FITL/AEMS; Esp. em Gestão Hospitalar – UNOPAR;
Esp. em Cosmetologia Aplicada à Estética – UNIARA;
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

Os cosméticos para cabelo afro evoluíram ao longo das gerações. Essa evolução se deu por uma série de fatores, para conhecê-los é preciso entender que o cabelo é um elemento importante de identificação que demarca na sociedade posição social, classe, e religião. Como reconhecimento cultural de cabelo bom e belo, há uma representação de padrão exigido desde os tempos antigos, que é o ocidental/europeu: longo e liso. A sociedade considerava ruim e inferior os elementos que configuram a cultura negra, inclusive o cabelo. Esse é um dos motivos pelos quais os fios crespos não eram alvo de inovação das indústrias cosméticas. O quadro começou a mudar quando artistas se destacaram por usar os cabelos naturais na década de 70 com o movimento Black Power. Mas foi a partir da década de 90 que as pessoas que alisavam os fios começaram a optar por cabelos naturais. A moda, a internet e os debates sobre a cultura negra valorizaram o cabelo afro, e isso despertou o interesse das empresas. Atualmente encontram-se no mercado diversos produtos, cremes e xampus para manter os cabelos crespos, enrolados e encaracolados mais saudáveis e naturais. Dentre os princípios ativos que tem essa finalidade destacam-se silicones, óleos vegetais, queratina, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: cabelo afro; preconceito; evolução; cosméticos.

1 INTRODUÇÃO

O cabelo exerce uma função de extrema importância no meio social, melhora a autoestima, tem apelo estético, e encaixa o indivíduo em um determinado grupo cultural (INOCÊNCIO, 2012). Neste contexto, o padrão de beleza ocidental/europeu esteve enraizado na sociedade por muito tempo; a definição de cabelo bom, belo e elegante era aquele que é liso e comprido, enquanto que o cabelo crespo era considerado ruim e inferior (SANTOS, 2000). Quando surgiram secadores, pranchas e produtos para reduzir o volume e alisar os fios, esse arquétipo foi motivação para as pessoas alisarem os cabelos, o que segundo Santos (2000) pode levar a perda das características raciais e socioculturais.

A desvalorização da aparência africana e atribuição de negatividade associada ao seu tipo de cabelo são resultados de um longo período de exclusão racial. Segundo Gomes (2002), é difícil lidar com o sentimento de rejeição vivenciado por quem deseja ser aceito pela forma dos seus fios, um recurso interessante pode ser a valorização e aceitação do cabelo natural.

Santos (2015) em sua obra “Do Black Power ao Cabelo Crespo” relatou uma campanha feita na internet em apoio a atriz negra Taís Araújo, que foi alvo de racismo em uma de suas fotos na sua página do Facebook. Na foto postada, ela estava com cabelo cacheado e volumoso, um comentário racista dizia: “Me empresta seu cabelo aí para lavar uma louça”. Logo após o conflito, a atriz se pronunciou em sua conta do Twitter afirmando que não iria “abaixar a cabeça” e tão pouco se intimidar, e denunciou o crime na Polícia Federal (MATOS 2015).

O conteúdo citado acima exemplifica uma resistência vivenciada por quem deseja manter as madeixas cacheadas. Nos últimos anos, a tendência de retorno ao cabelo enrolado e aceitação do cabelo afro, tende a aumentar como forma de empoderamento da beleza negra. Uma das etapas importantes desse processo é a chamada transição capilar prática, em que homens e mulheres optam por deixar os alisamentos com uso de químicas e assumir o seu cabelo de origem (SANTOS, 2015). Tendo em vista que o cabelo afrodescendente revela a marca da ancestralidade negra, substituir alisamentos com uso de químicas, pelo volume e pela textura do cabelo crespo é romper com os referenciais estéticos e valorizar a própria origem étnica.

Tempos atrás, a maior parte dos cosméticos capilares disponíveis no mercado era destinada aos fios lisos, havia poucas formulações de produtos específicos para cabelos cacheados o que dificultava os cuidados para esse tipo de textura capilar (GAVAZZONI, 2009).

Com a crescente auto aceitação e valorização da identidade pessoal, os fabricantes perceberam a deficiência na disponibilidade de cosméticos direcionados ao público afrodescendente e sentiu a necessidade de suprir tal demanda (GAVAZZONI, 2009, p. 8). Nas últimas décadas as empresas passaram a dar mais atenção aos fios crespos, e desenvolveram cosméticos para manter os cabelos saudáveis, hidratados, e com cachos mais definidos.

2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é relatar os motivos atuais que levaram as empresas a fabricarem mais produtos que valorizam os fios crespos e cacheados e descrever os princípios ativos elementares utilizados para hidratar, dar volume e forma para as madeixas.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Esse trabalho é uma revisão de metodologia científica baseado em artigos científicos retirados de bases de dados como, livros, e revistas científicas de estética, sítios eletrônicos. Para a pesquisa foram utilizadas as palavras chave: beleza afro, cabelo afrodescendente, cabelo, cosméticos, cultura afrodescendente e sociedade, história dos cosméticos.

4 CABELO

O cabelo nasce de uma estrutura da pele denominada folículo piloso, localizado na raiz, e sua extensão é uma massa queratinizada constituída por três camadas celulares que tem o nome de haste. A camada mais externa é a cutícula que equivale a 10% da fibra, causa um tipo de barreira para impedir possíveis agressões e envolve o córtex. O córtex se localiza na camada medial, é formado por queratina, é responsável pela resistência e elasticidade do cabelo, e equivale a 88% da massa. A medula é a camada mais interna, que funciona como um cerne do fio (GOMES; DAMÁZIO, 2017; GOMES, 2018).

A raiz do cabelo é o local em que o folículo piloso se localiza. Este é resultado da invaginação das células do corpo mucoso de Malpighi, que forma um canal ou ducto, onde nasce o pelo. Essa estrutura é a única parte viva do cabelo, constituída pela papila dérmica, pelo bulbo capilar e também por uma ou mais glândulas sebáceas (GOMES; DAMÁZIO, 2017; GOMES, 2018).

O crescimento dos fios é cíclico, passando por três fases. A primeira fase de crescimento é denominada anágena e pode durar de dois a sete anos; a segunda é a de involução, denominada catágena pode durar em média de duas a três semanas; e a fase de repouso, queda ou telógena pode durar de dois a quatro

meses (GOMES; DAMÁZIO, 2017). Durante a fase telógena, a papila dérmica começa a produção de um novo fio, iniciando o ciclo novamente (GOMES, 2018).

O cabelo é composto quimicamente de queratina (65-95%) e também por lipídios, água e minerais (cálcio, enxofre, magnésio e oligoelementos). Na queratina existem três tipos de ligações que vinculam as fibras para garantir que o fio se apresente liso, cacheado, crespo e etc. (GOMES; DAMÁZIO, 2017). Gomes (2018) classifica as ligações citadas como fracas ou de hidrogênio quando são rompidas pela água; de força média ou iônica quando podem ser quebradas por produtos alcalinos ou ácidos; e fortes quando são rompidas em processos de alisamento permanente.

Os cabelos podem ser classificados por vários parâmetros, quanto à porosidade ou sensibilidade, à resistência, à densidade, ao teor hídrico, ao teor lipídico, e ao tipo étnico. No tangente ao tipo étnico ele pode ser classificado em mongolóide, caucasóide e negroide. As características do tipo étnico influenciam na textura em diversos aspectos do fio. Portanto é válido lembrar que a miscigenação ocorrida ao longo do tempo ocasionou o surgimento de várias misturas de tipos humanos. Considera-se negroide o cabelo encaracolado, crespo ou ulótrico, mas pesquisas recentes feitas por empresas fabricantes de cosméticos como a L'oreal demonstraram oito tipos diferentes de classificação dos cabelos. Nesse estudo não se considerou a etnia e sim aspectos relativos à curvatura, o que mostra que atualmente os fios se classificam pela semelhança e não por características étnicas (GOMES; DAMÁZIO, 2017).

4.1 História do Cabelo

Desde o início de todas as civilizações e épocas, os cabelos foram objeto de encanto e receberam tratamentos especiais, por serem considerados enfeites, de forte conotação sexual, embora hoje em dia sabe-se que sua principal função é a proteção do crânio. Existem relatos fantásticos sobre a presença marcante dos cabelos em inúmeras lendas, contos mitológicos e fábulas que envolviam poções mágicas, líquidos exóticos e milagrosos criados para sua manutenção, embelezamento e tratamento (GOMES; DAMÁZIO, 2017).

Há comprovação histórica de que em todas as épocas, sempre houve preocupação com o cuidado dos cabelos, o que resultou na abertura para exploração comercial. Sabe-se que mulheres egípcias, árabes e indianas usavam a

hena (*Lawsonia inermis*), um arbusto da família das litráceas, nativo do norte da África, de cuja casca e folhas secas pulverizadas se extrai um pó corante, que dá origem a uma tintura castanho-avermelhada, usada pura ou adicionada a outros corantes, para tingir os cabelos. Alguns milênios mais tarde, a indústria cosmética passou a comercializar a hena com seu nome francês, o famoso henê, usado para tingir e alisar os cabelos crespos das afrodescendentes (GOMES; DAMÁZIO, 2017).

Os tratamentos capilares fizeram uma longa viagem no tempo, antes de chegar ao estudo do fio propriamente dito há registros da existência de espaços para o embelezamento das madeixas ainda na Grécia Antiga. Esses espaços eram denominados Koreia e foram os primeiros salões que se tem notícia (BIONDO; DONATI, 2014).

Na época, ofertar os cabelos às divindades era o maior presente que se podia apresentar. Exemplos clássicos da mitologia e história grega são as de Berenice, Afrodite, Diana, Vênus e Sócrates. Berenice cortou seus cabelos e os ofertou em sacrifício a Afrodite, para que seu marido Ptolomeu retornasse salvo da guerra. A própria Afrodite tampava sua nudeza com as madeixas compridas. Vênus, deusa do amor, era afamada pelo cheiro de ambrosia que seus cabelos exalavam. Diana, a deusa da caça, entregava seus fios loiros aos cuidados das ninfas. Sócrates era careca e justificava a falta de cabelo com uma tirada filosófica – como seria de se esperar: “Mato não cresce em ruas ativas” (BIONDO; DONATI, 2014).

É importante elucidar que os gregos não foram os únicos povos da antiguidade a colecionar narrativas sobre cuidados e embelezamento dos cabelos. No Egito Antigo os faraós usavam perucas como forma de diferenciação social. Há mais de quatro mil anos já existe referência em papiros egípcios sobre a anatomia do couro cabeludo e de formulas terapêuticas para calvície. Júlio Cesar era calvo e sua esposa Cleópatra lhe indicava uma receita caseira com rato doméstico, dente de cavalo, gordura de urso e medula de veado. Diziam ainda que o mistério da graciosidade de Nefertite estava no brilho das suas negras madeixas, banhadas em óleo aromático e perfumes (BIONDO; DONATI, 2014).

Na conhecida “Cidade Eterna”, Roma, mulheres pintavam os cabelos com sabão amarelo ou utilizavam perucas produzidas dos fios louros dos prisioneiros bárbaros. As exigências religiosas levavam as mulheres a cobrir completamente os cabelos na Idade Média. O abrigo mais simples era constituído por uma peça de

linho caída sobre os ombros ou abaixo deles. Os véus de noiva e as manilhas das espanholas são provenientes da conduta dessa época. No final da Idade Média, os fios eram penteados para trás, escondidos, e, se crescessem na testa, eram raspados, para que o chapéu fosse à atração principal (BIONDO; DONATI, 2014).

Na França de Luís XIV, a moda era usar cabelos longos e com cachos volumosos. A tendência foi logo imitada pelos cortesãos, que começaram a usar perucas de cabelos naturais. Foi nessa época que um cabeleireiro inovador aproveitou para criar um estilo, eriçava o cabelo das perucas, enrolando-o molhado em pauzinhos cilíndricos e levando para secar nos fornos das padarias. Essa técnica antiga ainda é praticada com algumas variações nas fabricas de perucas e postições, com o nome de croquignole ou frisure forceé (BIONDO; DONATI, 2014).

4.1.1 Cabelo e Moda na Era Moderna e Pós-Moderna

Mudanças ao longo das gerações sempre aconteceram; nas áreas culturais, sociais, intelectuais, artísticas e outras; mas de importante destaque para este estudo são as transformações na moda que aconteceram no final da época moderna e início da pós-modernidade que influenciaram no estilo do cabelo.

Nos anos de 1960, no quesito cabelo, foi a era do laquê. Os penteados eram cuidadosamente fixados por este produto. Assim como hoje, os cabelos tinham diversos estilos, que iam desde os curtíssimos até os longos, mas com a raiz alta, à Brigitte Bardot. Como esta também foi a década do volume, com coques, 'banana' e muitos outros, a moda era usar esponja de aço para fazer este enchimento nas madeixas. Outra receita caseira e prática para ficar na moda era misturar cerveja com água e açúcar para fixar o cabelo. Foi também neste período que surgiu uma nova fibra no mercado, o kanekalon, e então as perucas, de todas as cores, tamanhos e preços viraram moda (FRANQUILINO, 2017).

Na década de 1970 surgiu o movimento *black power*, nesse período houve a valorização do cabelo crespo, muitos artistas negros se destacaram no panorama musical e cinematográfico. A técnica de enrolar os fios lisos, conhecida como permanente ganhou força nos anos 80. Além desse processo, as pessoas usavam bobes e bigudinhos para enrolar os fios dando volume ao cabelo (FRANQUILINO, 2017). Na época quando a moda *black power* veio para o Brasil dos Estados Unidos da América, por meio de Tony Tornado, era apenas uma moda brasileira que

ganhou fama. As pessoas não tinham noção que ao deixarem os cabelos crescerem por causa da moda, estavam fazendo parte dessa revolução que cresceu e ganhou notoriedade nos anos de 1970 e 1980 (MAIA, 2015). Já nos anos de 1990, as mulheres negras passaram a fazer uso de relaxamentos e alongamentos capilares (SANTOS, 2018).

A escova progressiva, nos anos 2000, ganhou popularidade por atribuir aos cabelos um aspecto suave e natural. Porém, a técnica foi alvo de controvérsias por causa das altas concentrações de formaldeído. As formulações cosméticas mais utilizadas, naquele período, tinham uma solução de formaldeído a 37%. Depois da proibição da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) do uso de qualquer produto que contivesse formaldeído em concentrações superiores a 0,2%, as empresas começaram a produzir escova progressiva à base de ácidos (FRANQUILINO, 2017).

Nos dias atuais a era digital contribuiu para o retorno dos cachos. Pelas pesquisas de 2016, no Google, relacionadas ao cabelo cacheado ter sido, pela primeira vez no Brasil, maior que a procura por cabelo liso percebe-se uma perspectiva positiva sobre a valorização do cabelo afro (FRANQUILINO, 2017). Através da mídia, é possível observar campanhas publicitárias relativas aos produtos para fios negroides com participação das influenciadoras digitais (SANTOS, 2018).

4.1.2 História da Desvalorização do Cabelo Afro

O início do século XX foi marcado pelas ideias de inferioridade dos negros de origem africana e, pela dita superioridade europeia, naturalizando o racismo e propagando a ideia da existência de uma democracia racial no país. Isso fez aparecer reivindicações étnicas e políticas com o objetivo de apontar as diferenças fortes que derivavam das relações raciais. O desdobramento das teorias raciais, do século XIX e meados do século XX, influenciaram diretamente na forma como as pessoas se relacionam com a história e a ancestralidade até os dias de hoje (GOMES, 2002).

O cabelo afro remete a uma origem africana, sendo a África submissa no período escravocrata, eram claramente expostos à violência. Dessa forma, resultou que o cabelo negroide era denominado como ruim, duro, feio, difícil de ser cuidado, e houve a implantação do pensamento que para melhorá-lo precisaria de algumas intervenções (GOMES, 2002).

Gomes (2002) cita um exemplo sobre a violência com a imposição de raspagem do cabelo. Para o escravo ou a escrava tal ato era simbólico de motivação, pois nas etnias africanas o cabelo era considerado como uma marca de identidade e dignidade. Uma questão conflituosa do cabelo é percebida de intensa forma no gênero feminino, para várias mulheres negras, o cabelo, representa uma jaula de prisão por ocorrência da rejeição social, situação que ainda se estende aos dias atuais.

5 TRANSIÇÃO CAPILAR: “DE VOLTA ÀS RAIZES”

Segundo Franquilino (2017), um estudo realizado por uma empresa de cosméticos mostra que, no Brasil, mais da metade das meninas cacheadas entre cinco e seis anos acreditam que seriam mais felizes se tivessem cabelos lisos. De acordo com a pesquisa, muito da negatividade em relação aos cabelos foi passada de mãe para filha.

O estudo, citado acima por Franquilino (2017), buscou entender a relação que as mulheres têm com seus cachos. A partir da pesquisa foi possível notar que 63% das adolescentes brasileiras preferem manter os cabelos em sua forma natural, enquanto que 69% das mulheres adultas estão mais insatisfeitas e preferem alisar. Grande parte dessa insatisfação é resultado da dificuldade de cuidar dos fios.

MATOS (2015) em seu estudo sobre a construção identitária do cabelo afro descendente em blogs; afirma que atualmente há uma tendência de retorno do cabelo enrolado e aceitação do cabelo afro, mas mesmo assim a discriminação do aspecto do "cabelo natural", ainda ocorre. As mulheres brasileiras estão trocando o secador, prancha (chapinha) e as técnicas de alisamentos por cremes de pentear. Mas para chegar a esse ponto é preciso passar na transição capilar (SANTOS, 2000).

Passar pelo período de transição não é fácil, como alega Franquilino (2017), requer dedicação e esforço para chegar ao resultado esperado. Durante esse tempo o cabelo passa por alguns processos, onde o mesmo fica com duas texturas (raiz cacheada e as pontas lisas), sendo cortado gradualmente o comprimento até atingir um tamanho ideal para ser realizado o grande corte, tirando por completo as pontas lisas (FRANQUILINO, 2017).

Nos últimos tempos, encontram-se nas redes sociais, influenciadores digitais

que compartilham suas experiências e dão dicas de como enfrentar a transição capilar através das técnicas de “texturização” por *twist*, coquinhos, bigudinhos, etc. esses métodos ajudam a definir os cachos. Além disso, tem os penteados dos mais simples aos mais elaborados, como por exemplo, as *box braids* (as famosas tranças rastafáris), tranças *nagô* e *dreads*. As *box braids* são as tranças soltas ou como mais popularmente conhecidas tranças rastafáris, os cabelos são trançados junto com outros sintéticos (*kanekalon*, *jumbo* e *linha*) (FRANQUILINO, 2017).

Já as tranças *nagô*, podem ser trançadas só com o próprio cabelo rente ao couro cabeludo ou também com os mesmos matérias das *box braids*. Os *dreadslooks* podem ser naturais ou sintéticos. Os *dreads* naturais são de estruturas cilindradas feitos com o próprio cabelo, cujo método é através da cera de abelha. Uma vez procurado por essa opção não tem mais volta, pois não terá mais como desfazer, o único jeito é cortar o cabelo. Por outro lado, os *dreads* sintéticos são feitos com *kanekalon* ou *lã* (FRANQUILINO, 2017).

Todas essas técnicas ajudam no desenvolvimento de crescimento do cabelo, por isso geralmente são mais procurados na transição capilar, além de ajudar na autoestima. Os mesmos duram de um a três meses, após esse tempo é preciso fazer a manutenção (FRANQUILINO, 2017).

6 DESENVOLVIMENTO DA COSMETOLOGIA PARA CABELO AFRO

Com a evolução da valorização dos cachos, as empresas de cosméticos passam a investir em produtos adequados para cada tipo de cabelo afro, inclusive em linhas infantil. Porém, as coisas nem sempre foram assim, há tempos atrás, as prateleiras das lojas de cosméticos e dos supermercados eram escassos de produtos do tipo, não dando muita opção para os consumidores. Então para muitos, a única saída era alisar os cabelos para “facilitar a vida”, além da facilidade das opções em produtos para cabelos lisos e alisados (SANTOS, 2018).

Contudo, o que parecia ser um modismo passageiro, está ganhando foco e força, atraindo o interesse dos consumidores e indústrias de cosméticos. Segundo Franquilino (2017), pesquisas apontam que a “evolução” das crespas e cacheadas está apenas começando, as marcas se alinham a esse movimento, com ações e lançamentos para atender as demandas de um público ávido por novidades.

Vale lembrar, que as redes sociais contribuíram para a mudança desse

cenário, através de mulheres jovens cacheadas, que discutem sobre assuntos relacionados às tendências de produtos capilares lançados, que estão em alta no mercado, abordando também, como cuidar das madeixas, valorizando a beleza dos fios (SANTOS, 2015).

Jomar Beltrame, vice-presidente do Sistema Embelleze, afirma que "não se trata de uma tendência e sim de uma quebra de paradigmas, que engloba questões sociais e comportamentais. Segundo ele é o empoderamento que vem de dentro para fora e que também se expressa por meio da aceitação dos fios naturais". Dessa forma, as empresas começam a investir em linhas de produtos capilares e campanhas publicitárias, que auxiliam nos cuidados para com os cabelos encaracolados e crespos (SANTOS, 2015).

Em parceria com as blogueiras, a Seda desenvolveu a linha de produtos "seda boom curvaturas" e "seda boom looks". Esses produtos são shampoo, condicionador, creme para pentear, spray revitalizador, e seda boom co-wash. No rótulo da embalagem dos mesmos encontra-se o "cachômetro", ou seja, é uma tabela que ajuda a distinguir os diferentes tipos de cachos, além de possuir informações de uso (FRANQUILINO 2017).

A Embelleze também é outra empresa que não deixou de investir em vários produtos especialmente para os cabelos cacheados. Entre suas linhas Novex encontram-se o kit Revitay Novex Santo Poderoso e família Meus Cachos (FRANQUILINO 2017).

Outra empresa que não pode deixar de ser citada é a Salon Line, lançando a linha "Tô de cachos". Dedicando-se exclusivamente ao máximo na criação de produtos como, shampoo, condicionador, creme para pentear, ativador de cachos, máscara hidratante, gelatina, óleo de umectação, entre outros (SANTOS, 2015). Vale ressaltar, que esses produtos também são indicados para quem está no processo de transição capilar.

A primeira coloração existente especialmente para os cabelos afros foi lançada pela marca Nutrisse creme cachos poderosos da Garnier (FRANQUILINO, 2017). Além dessas, existem outras marcas que buscam trazer novidades para o mundo das cacheadas. Sendo assim, a tendência dessas marcas é evoluir mais e mais, ajudando a cuidar dos cabelos encaracolados, trazendo confiança e autoestima para cada cacheada.

7 PRINCÍPIOS ATIVOS UTILIZADOS PARA O CABELO AFRO

Cabelos crespos e cacheados requerem atenção especial. Devido à forma espiralada dos fios, a oleosidade do bulbo capilar não consegue chegar até as pontas com facilidade. Em razão desta e de outras peculiaridades, eles têm maior tendência ao ressecamento e à quebra. Além de possuir menos lubrificação ao longo da fibra capilar, os fios encaracolados apresentam grande assimetria entre as camadas de cutículas que só o fato de penteá-los ou secá-los pode causar irregularidades na fibra (FRANQUILINO, 2017).

Nos últimos anos cresce a demanda de cosméticos para cabelo afro no mercado. Na hora de cuidar desse tipo de cabelo é essencial escolher produtos com princípios ativos específicos para cada tipo de necessidades dos cachos. Existem vários princípios ativos nas formulações cosméticas, entre eles encontram-se os silicones, óleos vegetais, queratina, entre outros (BIONDO; DONATI, 2011).

Os silicones proporcionam beleza aos fios capilares, deixando-os com aspecto natural, macio e brilhoso, melhoram a penteabilidade tanto no cabelo úmido quanto no seco, além de evitar o friz formando uma capa protetora (GOMES, 1999; BIONDO; DONATI, 2004).

As curvaturas dos cachos dificultam a chegada do óleo natural do couro cabeludo até as pontas, deixando os fios propícios ao ressecamento, pontas duplas, quebra, dentre outros danos. Por esses motivos, os óleos vegetais são indispensáveis nas formulações cosméticas. Suas substâncias agem na reposição de lipídios e vitaminas perdidas no processo químico e físico; nutrem a fibra capilar, e proporcionam hidratação e maciez. Dentre esses óleos vegetais os mais procurados são, óleo de coco, de abacate, de jojoba, argan, rícino e de amêndoas. Os mesmos são usados na umectação, hidratação e nutrição capilar (BIONDO; DONATI, 2004).

Vale ressaltar que é antigo o uso dos óleos vegetais para o cuidado capilar e tegumentar. Nos países africanos e asiáticos há registros de utilização como pomada capilar para manter os fios saudáveis (ARAÚJO, 2015).

A queratina é rica em aminoácidos, por isso garante força, resistência e elasticidade aos fios. Também é responsável por 90% da composição da fibra capilar. Seu benefício é reparar os danos na cutícula, auxiliar na hidratação e restauração do rompimento da cadeia peptídica causados por agentes físicos e

químicos (REBELLO, 2005; SOUZA; JUNIOR, 2006).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o conteúdo exposto neste estudo pode-se afirmar que o cabelo faz parte de uma conjuntura política, histórica e existencial. Sua manifestação estilística se tornou destaque visual que atrai a atenção das pessoas no dia-a-dia, e transmite várias informações inerentes à personalidade.

É plausível reiterar também a idéia de que atualmente ocorre uma valorização da cultura afrodescendente. Na internet, nas mídias sociais, e na publicidade geral se percebe um debate sobre temas ligados a negritude e seus aspectos. Isso motivou as empresas cosméticas a pesquisar e investir em novos produtos que contenham princípios ativos para hidratar, nutrir e manter os fios crespos e cacheados mais bonitos, brilhosos e saudáveis. Com esse desenvolvimento agora é possível que homens e mulheres possam escolher como querem usar os fios sem precisar recorrer a procedimentos capilares que às vezes podem ser até danosos à saúde.

Independente qual é a forma de cuidar dos cabelos, se é alisar ou manter os fios cacheados o que se notou é que a valorização da identidade negra cooperou para o desenvolvimento de cosméticos capazes de cuidar dos fios crespos. Atualmente, são diversos os princípios ativos e formulações cosméticas com tal finalidade dentre eles pode-se citar os silicones, óleos vegetais, queratina, dentre outros.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. A. Desenvolvimento de formulações cosméticas contendo óleos vegetais para proteção e reparação capilar (Dissertação Completa Corrigida), Ribeirão Preto - USP, 2015.

BIONDO, S.; DONATI, B. Cabelo. Cuidados básicos, técnicas de corte, coloração e embelezamento. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.

BIONDO, S.; DONATI, B. Cabelo: Cuidados básicos, técnicas de corte, coloração e embelezamento. 3 ed. Rio de Janeiro: Atual, 2011.

FRANQUELINO, E. A volta dos cachos. Edição Temática Revista de negócio de Indústria da Beleza, São Paulo, v. 36, p. 8-24, out. 2017.

GAVAZZONI, D. M. F. R. Cuidados diários com os cabelos, 2018.

GOMES, A. L. O uso da tecnologia cosmética no trabalho do profissional cabeleireiro. São Paulo: SENAC, 1999.

GOMES, N. L. Corpo e Cabelo Como Símbolos da Identidade Negra. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002. Disponível em <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-simbolos-da-identidade-negra.pdf>>. Acesso em 10 jun. 2019.

GOMES, R. K.; DAMAZIO, M. G. Cosmetologia: descomplicando os princípios ativos. 4. ed. São Paulo: LMP, 2013.

GOMES, Á. L. O uso da tecnologia cosmética no trabalho do profissional cabeleireiro. São Paulo: 6 ed, SENAC, 2018.

INOCÊNCIO, N. O. Corpo negro na cultura visual brasileira. Educação Africanidades Brasil. v.1, Brasília: CEAD, 2006.

MAIA, L. Força Negra: a luta pela auto-estima de um povo. Rio de Janeiro: Ed. Autografia, 2015.

MATOS, S. É. M. Cachear e Encrespar: moda ou resistência? Um estudo sobre a construção identitária do cabelo adrodescedente em blogs, Brasília, nov., 2015.

REBELO, T. Guia de produtos cosméticos. 6. ed. São Paulo: SENAC, 2005.

SANTOS, B. N. R. Do black power ao cabelo crespo. A Construção da Identidade Negra Através do Cabelo, São Paulo, dez. 2015.

SANTOS, J. T. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos, Rio de Janeiro, 2000.

SANTOS, M. Estética negra: Um estudo contemporâneo sobre o cabelo da mulher negra na Cerra do Cajueiro- Florânia RN, Rio Grande do Norte, 2006.

SANTOS, S. A. Meu Black é Power! Uma abordagem sobre o orgulho crespo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, maio 2018.

SOUZA V. M.; JÚNIOR, D. A. Ativos Dermatológicos: Guia de ativos dermatológicos utilizados na farmácia de manipulação pra médicos e farmacêuticos. v. 4. São Paulo: Pharmobooks, 2006.